

Atendimento precário

Adrienne Moura

Ainda no período de resguardo e impossibilitadas de repousar em casa, 15 mães de filhos prematuros internados na Unidade Neonatal do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) vivem dias de desespero. Elas contam que sofrem com a falta de estrutura e reclamam do atendimento prestado por alguns funcionários do local. Por morar longe do hospital, algumas mães precisam dormir no local, em cadeiras de praia adaptadas com colchonetes, em um quarto superlotado. Além disso, as acompanhantes relatam falta de cuidado com a comida oferecida e afirmam sofrer represálias por terem denunciado a situação de descaso. A reportagem do **Jornal de Brasília** foi impedida de entrar no local.

Há dois meses, Gleide de Carvalho Góis, 15 anos, por exemplo, precisa dormir no HRC para acompanhar o filho que nasceu de sete meses e está com infecção e problemas respiratórios. Por morar longe, em Águas Lindas de Goiás, a adolescente é obrigada a suportar noites maldormidas no hospital. Segundo ela, as mães acompanhantes ficam todas em um quarto com apenas um banheiro e em vez de camas, elas pernoitam nas tais cadeiras de praia forradas com colchonetes. "Mal conseguimos dormir. As camas são desconfortáveis e o quarto é pequeno", contou.

Gleide explica, ainda, que há um mês, por volta de duas da manhã, teve uma séria crise de gastrite e não foi atendida por ser menor de idade e estar no hospital apenas como acompanhante do filho. "Os médicos disseram que não tinham mais responsabilidade comigo e que minha mãe precisava vir para me levar ao pronto-socorro", relata. Segundo a adolescente, depois de sofrer com fortes dores, as companheiras de quarto a levaram à emergência numa cadeira de rodas cedida pela enfermagem do hospital.

■ Sem estrutura

Ainda de acordo com relatos das pacientes, as mães não tiveram nem mesmo o direito de descansar após o parto. Dois dias depois de ter dado à luz a uma criança de seis meses com problemas respiratórios, a dona de casa Geniane Canuto Barbosa, 22 anos, teve de voltar para casa por falta de vaga para as acompanhantes — o quarto possui nove cadeiras de praia e durante o dia, o uso é revezado entre as 15 mães.

Ela não pôde cumprir as

"A comida tinha um cheiro de podre e a aparência estava estranha. As outras mães repararam"

MARIA DO SOCORRO MIRANDA,
MÃE DE UM BEBÊ PREMATURO

recomendações médicas para o período de resguardo e, mesmo com dores abdominais, em função da cirurgia cesariana recente, todos os dias precisa pegar dois ônibus para ir de Ceilândia Norte, onde mora, até o hospital para amamentar a filha. "A situação está horrível. Passo o dia aqui e não tenho onde descansar", reclamou.

■ Situação precária

Com dor de cabeça, tontura, enjôo e dores na cicatrização da cirurgia cesariana, a dona de casa Maria Socorro Miranda, 35 anos, também precisa pegar ônibus diariamente para evitar que a filha prematura morra. A menina nasceu com um coágulo de água na cabeça e sopro no coração. Ela reclama da comida oferecida às mães. Segundo Maria, os alimentos são mal preparados e, em alguns casos, servidos estragados. Maria conta que começou a se sentir mal depois de comer uma carne durante o jantar. "Tinha o cheiro de podre e a aparência estava estranha. As outras mães também repararam", afirmou.

A nutricionista chefe substituta, Adriana Queiroz Lisboa, responsável pela cozinha do hospital, alega que a alimentação fornecida às mães segue um cardápio mensal, oferecido da mesma forma para toda a rede da Secretaria de Saúde. De acordo com ela, o alimento passa por um controle de qualidade e não há nenhuma reclamação formal de pacientes sobre alimentação estragada. "Essas mães são acompanhantes e têm a liberdade de comer em outros lugares. A comida estragada pode ter sido consumida fora do hospital", contestou.

Algumas mães reclamaram também da quantidade de comida oferecida pelo hospital e dizem, até, que existe diferença na alimentação.



■ AS MÃES RECLAMAM DA FALTA DE ESPAÇO, DA QUALIDADE DA ALIMENTAÇÃO E ATÉ DA FORMA COMO SÃO TRATADAS POR ALGUNS FUNCIONÁRIOS



■ A NUTRICIONISTA ADRIANA QUEIROZ GARANTE QUE O ALIMENTO PASSA POR CONTROLE DE QUALIDADE

FOTOS: ANDRESSA ANHOLETE

Represálias de funcionários

As mães denunciam que em refeições importantes, como o café-da-manhã, comiam apenas alguns biscoitos servidos com suco ou leite. Boa parte das acompanhantes dizem que estavam desnutridas e fracas para amamentar. A nutricionista, porém, afirmou que pacientes e acompanhantes recebem a mesma alimentação e o cardápio fornecido atende a todas as necessidades diárias. "Durante o dia oferecemos entre 2,5 mil e 3 mil calorias. O importante é o quantitativo diário", justificou.

Os dramas vividos pelas mães do HRC não terminam por aí. Muitas delas têm dificuldades financeiras e precisam arcar com as despesas de remédios, passagens e alimentação, uma vez que estão receosas de se alimentar da comida servida no hospital. Elas disseram que uma ajuda de custo no valor de R\$ 240, foi liberada pelo GDF, mas que nem todas receberam.

As mães também dizem que começaram a sofrer represálias de funcionários do hospital depois que a imprensa tomou conhecimento da situação em que elas se encontram no HRC. A assessoria de imprensa do Hospital Regional de Ceilândia informou que o diretor da unidade está de férias e que não tem autorização para se pronunciar sobre as reclamações.